

EDUCAÇÃO

Exame poderá influenciar mercado de trabalho

Em entrevista ao Estado, a coordenadora do Enem, Maria Inês Fini, prevê que numa próxima etapa os resultados dos exames poderão ser usados por empresas na hora de selecionar profissionais

JULIANA JUNQUEIRA

Os modelos educacionais mudaram nas últimas décadas. Deixando de lado a ênfase na memorização de informações, as escolas passaram a adotar propostas pedagógicas destinadas a dar mais autonomia aos alunos na aventura do aprendizado, tornando-os pessoas com maior compreensão de seu cotidiano, mais capazes de tomar decisões e mais aptas ao convívio social. Na opinião da especialista Maria Inês Fini, coordenadora do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), essa é hoje a principal tendência do ensino que deverá consolidar-se na próxima década. Para ela, o exame ajudará as escolas a caminhar nessa direção, refazendo seu modo de atuar.

Maria Inês acredita que no processo de mudança as escolas deverão dar prioridade à reciclagem dos professores. Em entrevista ao Estado, ela acentuou que numa próxima etapa o Enem deverá ter influência também no mercado de trabalho. As empresas podem começar a escolher quem obtiver as melhores notas. A seguir, alguns dos principais trechos de sua entrevista.

Estado – Uma das críticas ao Enem é o fato de pretender avaliar competências que só agora começaram a ser desenvolvidas nas escolas. Isso pode prejudicar o aluno?

Maria Inês Fini – As novas propostas educacionais e a

avaliação, como o Enem, estão presas a um paradigma que já vem sendo discutido pelos educadores desde a década de 80. As idéias foram formalizadas durante a 1.ª Conferência Mundial Educação para Todos, realizada na Tailândia em 1990. Mais de cem países concordaram que era necessário elevar o padrão de desempenho dos alunos na aprendizagem. Para fazer isso, as escolas precisavam mudar o foco do ensino, que dava ênfase apenas à memória, para contemplar também o comportamento. No Brasil, as mudanças começaram a ser feitas a partir da Lei de Diretrizes e Bases da

Educação, da definição dos novos Parâmetros Curriculares Nacionais e da Reforma do Ensino Médio. A avaliação é uma estratégia que pode ajudar as escolas a mudar o planejamento.

Estado – É necessário preparar os professores para o novo modelo. O que está sendo feito nesse sentido?

Maria Inês – O eixo da mudança é a formação dos professores. O Conselho Nacional de Educação acabou de criar os institutos superiores de educação, que serão destinados a promover a formação geral dos professores da educação básica. Os professores que já estão atuando deverão receber qualificação nos próprios locais de trabalho. Mas é claro que não dá para um profissional se qualificar dando 40 horas aula por semana. Esse é um processo longo de mudan-



Monica Richter/AE

Para a professora Maria Inês, alterações são inevitáveis

ça, que exigirá muito investimento. Acredito que precisaremos de dez anos no mínimo, pois temos disparidades nos financiamentos e desigualdades de grandes proporções.

Estado – A adesão ao Enem de 50 instituições de ensino superior, que passarão a usar o exame para aumentar a nota no vestibular, estimulou os estudantes a

aos pró-reitores. As universidades acataram a sugestão. A adesão delas foi muito boa, pois estamos interagindo mais

com os professores e as comissões de vestibular.

Estado – Alguns educadores temem que o Enem passe a ser referência para o ingresso na universidade e se esqueça sua real função, a de permitir uma avaliação da educação básica.

Maria Inês – Temos um compromisso para evitar que isso ocorra e vamos garanti-lo nos próximos anos. Mas essa também é uma ótima oportunidade para discutir o perfil de entrada dos alunos na universidade. Os profissionais que fizeram o Enem também participaram da reforma curricular do ensino médio.

Estado – Os alunos queixaram-se da falta de divulgação do exame. Por que isso ocorreu?

Maria Inês – Os estudantes têm razão. Mandamos em maio os folhetos explicativos para cerca de 17.600 escolas públicas e privadas de ensino médio do País. No ano que vem vamos começar a enviar os informativos em março. Mas as universidades parceiras estão ajudando bastante na divulgação. Só a Vunesp, que organiza o vestibular da Universidade Estadual Paulista - Unesp, distribuiu 300 mil folhetos. Também tivemos duas semanas de propaganda intensiva na televisão.

Estado – Quais são os projetos para o ano que vem?

Maria Inês – Queremos apresentar o Enem para as empresas. Vamos mostrar às federações, associações e sindicatos que eles podem usar o resultado do exame no recrutamento de jovens profissionais. Também pretendemos ampliar o diálogo com professores do ensino médio e de universidades sobre a avaliação. (J.J.)

NÚMEROS

346.819

é o número total de inscritos no Enem

50

instituições (12 públicas e 38 particulares) vão usar os resultados do exame

150.310

são os inscritos no Estado de São Paulo

ArtEstado